

CONTRIBUIÇÕES PARA A QUESTÃO DA FILOSOFIA PRIMEIRA NA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES

CONTRIBUTIONS TO THE ISSUE OF FIRST PHILOSOPHY IN ARISTOTLE'S *METAPHYSICS* *

GUILHERME CECILIO**
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Resumo: Uma das questões mais relevantes – e talvez a de mais difícil solução – que se impõe ao leitor da *Metafísica* é determinar se a obra se ocupa de uma única ciência preeminente ou se, ao contrário, ela contém diferentes projetos de ciência preeminente. Neste trabalho, analisamos criticamente as posições de alguns dos mais relevantes intérpretes, e procuramos, por fim, esboçar uma proposta de solução.

Palavras-chave: Ontologia; *Metafísica*; Filosofia Primeira.

Abstract: One of the most important issues – and perhaps the single most difficult one – which the reader of the *Metaphysics* has to deal with is to determine whether the work is concerned with a single preeminent science or if it contains different projects of preeminent science. In this paper we discuss the views of some of the most important interpreters on the subject and, finally, we draft a solution to the referred issue.

Keywords: Ontology; *Metaphysics*; First Philosophy.

* Artigo recebido em 18/11/2015 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 28/12/2015.

** Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista do CNPq. Professor da Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9314844789589355> . E-mail: gccecilio@hotmail.com

1. Introdução

A história da interpretação da *Metafísica* de Aristóteles é quase tão tumultuada quanto a história da disciplina de mesmo nome. O problema pode ser resumido como segue.

Assiste-se na *Metafísica* ao desenvolvimento ou, no mínimo, à busca duma ciência preeminente¹. Tal ciência deve, como qualquer outra, forçosamente possuir um objeto – σκοπός –, e a grande dificuldade para um leitor da obra, tanto hoje quanto outrora, é identificar qual seja esse objeto.

Tal dificuldade patenteia-se, por exemplo, na multiplicidade de formulações que essa ciência recebe na *Metafísica*. No livro A ela é chamada de sabedoria – σοφία – e de ciência das causas primeiras e dos princípios – σοφίαν περὶ τὰ πρῶτα αἴτια καὶ τὰς ἀρχάς –²; em *Met. α* ela é a ciência da verdade – ἐπιστήμην τῆς ἀληθείας –³; Aristóteles designa-a em B como a ciência buscada – ἐπιζητούμενην ἐπιστήμην –⁴; em Γ tem-se a famosa definição da ciência do ser *qua* ser – ἔστιν ἐπιστήμη τις ἢ θεωρεῖ τὸ ὄν ἢ ὄν καὶ τὰ τούτω ὑπάρχοντα καθ' αὐτό –⁵; em E ela é descrita como filosofia primeira⁶ – πρώτη φιλοσοφία – e também como ciência teológica – [ἐπιστήμη] θεολογική –⁷; *Met. Z* trata-a como ciência da substância – οὐσία⁸.

Está longe de ser óbvio de que modo todas essas fórmulas possam ser harmonizadas, ou melhor, como se deva explicar o nexos argumentativo que subjaz a cada uma dessas formulações. Dizendo de outro modo, o problema que precisa ser resolvido é como a questão das causas

¹ Neste trabalho, servimo-nos copiosamente da expressão “ciência preeminente”, quicá excessivamente. Fizemo-lo, porém, no intuito de manter certa neutralidade diante das diversas fórmulas que Aristóteles emprega, ao longo da *Metafísica*, para designar uma ciência que sobrepõe todas as demais ciências. Creemos que, se houvésemos optado, como fazem muitos, por expressões como “ontologia” ou “filosofia primeira” ou mesmo “metafísica”, estaríamos, possivelmente, desencaminhando a questão desde o princípio.

² *Met. A1*, 981b28-29. Podemos citar ainda no primeiro livro *Met. A1*, 982a2: “ἡ σοφία περὶ τινὰς ἀρχὰς καὶ αἰτίας ἐστὶν ἐπιστήμη” e *Met. A2*, 982b9-10: “ταύτην τῶν πρῶτων ἀρχῶν καὶ αἰτίων εἶναι θεωρητικὴν”. Todas as referências ao texto grego da *Metafísica* contidas neste trabalho dizem respeito a ROSS, W. D. *Aristotle's Metaphysics – a revised text with introduction and commentary* by W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1924. 2vls. Para a tradução portuguesa da *Metafísica* utilizamos – com modificações pontuais – a tradução de Lucas Angioni. Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, livros I, II e III - Tradução, introdução e notas de Lucas Angioni. *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução n° 15*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2002.

³ *Met. α1*, 983b20.

⁴ *Met. B1*, 995a24.

⁵ *Met. Γ1*, 1003a20-21.

⁶ *Met. E1*, 1026a24.

⁷ *Met. E1*, 1026a19. A expressão “θεολογική” é repetida em *Met. K7*, 1064b3. Em K7a28-29 a ciência preeminente é definida com estes fortes termos: “ἐπιστήμη τοῦ ὄντος ἢ ὄν καὶ χωριστόν”, mas sobre o livro K recaem sérias suspeitas de inautenticidade.

⁸ *Met. Z1*, 1028b2-7. Lê-se também em *Met. Λ1*, 1069a18: “Περὶ τῆς οὐσίας ἡ θεωρία”.

primeiras conecta-se com o tema do ser, e como isso se relaciona com a ciência da substância, e como tudo isso contribui para a construção de uma ciência teológica, isto é, uma investigação cujo objeto seja um ou mais seres divinos. Revelar tal nexos argumentativo é, provavelmente, a tarefa mais difícil que se impõe a um exegeta da *Metafísica*, e, é claro, não está descartada a hipótese de que esses temas, ao fim e ao cabo, não se conectem de modo algum.

A dificuldade que ora relatamos poderia ser simplificada – não sem o risco de recair num certo simplismo – com recurso à oposição fundamental entre duas das referidas formulações da ciência preeminente: por um lado, a investigação que tem por objeto o ser *qua* ser, uma “ontologia”, e, por outro lado, a investigação de entes divinos, uma “teologia”¹⁰. A questão que se coloca é, portanto, esta: tratar-se-ia de dois modos de formular ou descrever uma mesma e única ciência, ou seriam duas disciplinas realmente distintas, tendo por objetos, respectivamente, o ser (qualificado *qua* ser) e alguns entes divinos suprassensíveis?

O conflito entre uma “ontologia” e uma “teologia” dentro da *Metafísica* fez-se sentir com toda a força a partir do século XIX, especialmente no contexto dos estudos de língua alemã. A interpretação de Paul Natorp¹¹ é, provavelmente, o marco para a questão que ora tratamos. Este autor procurou defender que a ciência suprema, aquela que realmente mereceria o título de *πρώτη φιλοσοφία*, seria uma ontologia ou *metaphysica generalis*, isto é, a ciência do ser *qua* ser, tal como esta foi formulada em Γ. Tendo de confrontar-se, todavia, com as afirmações explícitas – em E1 e K7 – de que a *πρώτη φιλοσοφία* é, ao contrário, a ciência teológica – [ἐπιστήμη] θεολογική – Paul Natorp lançou mão duma tese radical (hoje universalmente repudiada), a saber, que tais passagens seriam simplesmente espúrias, redigidas por editores peripatéticos tardios e “platonizantes”.

⁹ A palavra “ontologia”, apesar de ser formada a partir de étimos gregos, não integra o Grego Antigo vernacular. De acordo com o *Historisches Wörterbuch der Philosophie* (verbete *Ontologie*, v. 6, p. 1189), o termo teria sido empregado pela primeira vez no século XVII por Rudolph Göckel (Goclenius) em seu *Lexicon philosophicum*.

¹⁰ Desejamos ressaltar que se deve usar de extrema cautela ao empregar termos como “ontologia” e “teologia” para referirmo-nos a Aristóteles, sob pena de distorcer gravemente o seu pensamento. De nossa parte, estamos persuadidos de que a ciência preeminente que é desenvolvida na *Metafísica* deve culminar num exame do(s) motor(es) suprassensíveis, e, nesse sentido apenas, esta ciência tem caráter “teológico”. Sendo assim, sustentamos que a investigação desenvolvida na obra desemboca, depois dum longuíssimo percurso, em considerações acerca de ente(s) que Aristóteles qualifica como divino(s). Pois bem, se este fato faculta-nos chamar semelhante investigação de “teológica” (como, aliás, o próprio Aristóteles o fez), isso certamente *não significa que ela seja stricto sensu uma teologia*, se por ‘teologia’ compreendemos necessariamente aquele tipo de disciplina intelectual que foi cultivada pelas grandes religiões monoteístas.

¹¹ NATORP, Paul. Thema und Disposition der aristotelischen *Metaphysik*. *Philosophische Monatshefte*, Heidelberg, v. 24, p. 37-65, 1888.

O célebre historiador da filosofia Eduard Zeller¹² entrou em polêmica com Natorp. Por um lado, Zeller reconheceu a existência do conflito entre uma “ontologia” e uma “teologia” na *Metafísica*; por outro lado, Zeller rejeitou a solução extirpatória de Natorp, preferindo atribuir a tensão entre os dois modelos de πρώτη φιλοσοφία a uma contradição que seria ínsita ao pensamento aristotélico, nomeadamente, a (supostamente) ambígua concepção que Aristóteles teria da noção de οὐσία.

Werner Jaeger¹³ foi herdeiro dessa controvérsia, e procurou resolvê-la recorrendo a sua tese da evolução do pensamento do Estagirita. De acordo com Jaeger, o referido conflito que a *Metafísica* ostenta explicar-se-ia pela coexistência, no mesmo texto transmitido, de dois projetos filosóficos distintos e cronologicamente sucessivos. Sendo assim, a concepção da πρώτη φιλοσοφία como “teologia” remontaria ao período “semi-platônico” da evolução espiritual de Aristóteles, ao passo que a “ontologia” (até mesmo uma “ontologia do sensível”, tal como patenteariam os chamados *Substanzbücher – Met. ZHΘ*) representaria o pensamento metafísico maduro do Filósofo.

A hipótese evolutiva de Jaeger não o isentava, é claro, da tarefa de explicar por que Aristóteles, em E1 (e numa passagem paralela em K7), **textualmente** identifica a ciência do ser *qua* ser – a dita “ontologia” – com a ciência teológica. E a resposta do estudioso é que tais passagens constituem **tentativas** do próprio Aristóteles de integrar seus dois projetos metafísicos, o inicial e o projeto maduro. Quanto ao sucesso de semelhante tentativa, Jaeger é categórico: Aristóteles não teria sido capaz de resolver a tensão entre “ontologia” e “teologia”, mesmo porque tal tensão seria, de fato, insolúvel.

2. Desenvolvimento da questão

Alguém poderia pensar que a questão da (in)compatibilidade entre “teologia” e “ontologia” fosse uma ficção criada pelos estudiosos; este seria, talvez, um daqueles frequentes casos de *over-interpretation*, quando os estudiosos veem problemas onde eles não existem no texto original. Mas este não parece ser o caso – muito embora a descrição do problema em termos de

¹² Trata-se do ‚Bericht‘ – recensão crítica – sobre o artigo de Natorp que examinamos acima, „Thema und Disposition der aristotelischen *Metaphysik*“. Cf. ZELLER, Eduard. Bericht. *Archiv für Geschichte der Philosophie*, Berlim, v. 1, n. 2, p. 264-271, 1889.

¹³ JAEGER, Werner. *Aristoteles – Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung*. Berlim: Weidmannsche Buchhandlung, 1923.

“ontologia” e “teologia” seja, provavelmente, um tanto grosseira e anacrônica. Este é, sim, um problema real, e um problema de que o próprio Aristóteles deu-se conta, como o atesta um célebre trecho da *Metafísica*:

É plausível que alguém formule o seguinte impasse: a filosofia primeira porventura é universal, ou diz respeito a algum gênero e alguma natureza única? (De fato, nem nas matemáticas há um mesmo modo, ao contrário: a geometria diz respeito a certa natureza, bem como a astronomia, mas a universal é comum a todas). Ora, se não houver nenhuma outra essência além das que se constituem por natureza, a ciência da natureza será ciência primeira; mas se há uma essência imóvel, esta ciência [sc. que dela trata] seria anterior e filosofia primeira, e **universal, deste modo, porque primeira**. E a ela competiria estudar a respeito do ente enquanto ente – tanto o que ele é, como aquilo que se lhe atribui enquanto ente¹⁴.

A passagem foi e ainda é verdadeira cruz para os comentadores; ela exige, todavia, um esclarecimento, segundo cremos, de todo aquele que pretenda ler a *Metafísica* como uma obra minimamente íntegra. Em nosso parecer, aqui reside, de fato, a chave para religar importantes “blocos” da *Metafísica*, devolvendo, assim, à obra a integridade que lhe foi roubada por interpretações como as de Natorp e Jaeger, interpretações que ainda reverberam em grande parte dos estudos contemporâneos, os quais, em regra, contentam-se com tratar de partes isoladas da *Metafísica*. Expliquemo-nos.

Não é muito difícil vislumbrar uma conexão entre a ciência do ser *qua* ser de Γ e a investigação do sentido privilegiado de ser, a οὐσία, investigação que é perpetrada em ZH (com uma possível continuação em Θ). Não é muito difícil, outrossim, imaginar que a ciência teológica prenunciada em E encontre sua consumação em Λ . É difícilimo, porém, conciliar as duas descrições de πρώτη φιλοσοφία presentes no trecho supracitado, e prova disso é que o próprio Aristóteles deu-se ao trabalho de levantar a aporia e tentar resolvê-la – sem nenhum sucesso, ao menos na opinião da maioria dos intérpretes. Mas se for possível mostrar que as duas formulações são coerentes e conciliáveis, este seria um passo enorme na direção de se provar que parte considerável do argumento da *Metafísica* formaria um todo conectado, lançando luz, quiçá, sobre trechos que ainda hoje resistem a inúmeras tentativas de interpretação.

Talvez a raiz do conflito da passagem citada de E1 seja a noção de universal – καθόλου. De fato, o problema tem sido descrito como segue. Por um lado, a ciência “ontológica” de Γ parece merecer o título de universal, uma vez que o seu objeto é o ‘ser’, ou seja, o mais extenso

¹⁴ *Met.* E1, 1026a23-32, grifo nosso (trad. de Lucas Angioni).

de todos os “predicados”: qualquer que seja o item que se tome em consideração – seja substância, seja qualidade, seja quantidade, etc. –, é possível atribuir-lhe o ‘é’. Já a ciência teológica mencionada em E teria por objeto, como indica o seu nome, entes que podem qualificar-se como ‘divinos’. Por mais que os entes divinos sejam os objetos mais eminentes que há, sem dúvida trata-se dum grupo muito mais restrito do que o grupo das coisas que ‘são’ (as coisas às quais se aplica o ‘é’). Dizendo o mesmo de modo lógico, o predicado ‘divino’ tem uma extensão muitíssimo inferior ao “predicado” ‘ser’. Pois bem, isso por si só já mostraria cabalmente que a ciência do ser *qua* ser e a ciência teológica são duas ciências diferentes, em vista da diversidade de seus objetos. Mas Aristóteles, surpreendentemente, afirma, sem sombra de dúvidas, a identidade da ciência do ser *qua* ser e da ciência teológica¹⁵.

Semelhante conclusão parece dar razão às previsões mais pessimistas dos muitos intérpretes que se defrontaram com o problema em apreço¹⁶. Queremos crer, entretanto, que possa haver uma solução para este impasse.

3. Proposta de solução

Como vimos, se se interpretar a ciência do ser *qua* ser como uma verdadeira ontologia, entendendo-se por ‘ontologia’ uma espécie de exame geral dos entes, tal ciência parece mesmo ser inconciliável com qualquer investigação de um grupo particular de entes, sejam estes divinos ou não.

A nós parece que o primeiríssimo passo para abordar corretamente a clássica questão da incompatibilidade entre “ontologia” e “teologia” na *Metafísica* seja sustentar que a ciência do ser *qua* ser exposta em Γ não seja uma autêntica ontologia. Em nossa opinião, a maior parte dos estudos contemporâneos dedicados à *Metafísica* colocou uma ênfase exagerada – e, quiçá, com boa dose de anacronismo – sobre a noção de uma “ontologia aristotélica”, atribuindo, dessarte, à ciência do ser *qua* ser uma autonomia que não lhe pertence por direito.

Nós advogamos, pelo contrário, que a ciência do ser *qua* ser descrita em Γ consista simplesmente no desenvolvimento da σοφία, isto é, da ciência das causas primeiríssimas que foi

¹⁵ *Stricto sensu*, a ciência do ser *qua* ser é identificada com a filosofia primeira, mas o contexto de *Met. E1* deixa claro que a filosofia primeira é a ciência teológica.

¹⁶ Referindo-se ao famoso trecho de *Met. E1*, Jaeger afirma: “A contradição é inegável e o próprio Aristóteles deuse conta dela. [...] Esta glosa não suprime a contradição, pelo contrário, somente a torna ainda mais explícita”. JAEGER, 1923, p. 226-227, tradução nossa.

esboçada em A e problematizada em B¹⁷. Sendo assim, o problema da incompatibilidade entre “ontologia” e “teologia” na *Metafísica* arruína-se desde seus alicerces: não pode haver incompatibilidade nenhuma porque não há sequer uma verdadeira “ontologia aristotélica”.

Propugnamos, pois, que a ciência preeminente perseguida na obra possa ser descrita, em linhas gerais, como uma ciência “protológica” ou “arqueológica”, isto é, uma ciência dos princípios – ἀρχαί. Recorremos, desse modo, ao modelo de σοφία anunciado no livro A, que consideramos a genuína introdução da *Metafísica*.

É bastante claro que a σοφία seja uma ciência das causas primeiras e/ou princípios. Mas tal descrição é, cremos, **genérica e incompleta**: ainda falta determinar o que sejam, concretamente, as causas primeiras e princípios. E uma questão perfeitamente válida que se pode levantar é **se todos os tipos de causas primeiras têm de ser estudadas por uma mesma ciência**. Mais do que válida, esta é uma questão crucial, que, por isso mesmo, consiste na primeira de todas as aporias discutidas por Aristóteles em B2 (996a18-20): “Examinemos, pois, em primeiro lugar, a primeira questão que enunciamos: se o estudo de todos os gêneros de causa [πάντα τὰ γένη τῶν αἰτίων] é tarefa de uma única e mesma ciência ou de mais ciências”.

O problema não poderia ter sido expresso com maior clareza. Seguem-se as famosas seções dialéticas de B, em que Aristóteles argumenta em favor dos dois lados da aporia. Alguns intérpretes¹⁸ simplesmente presumiram que a resposta a essa aporia fundamental seja que a σοφία deva estudar todos os gêneros de causa. Mas essa é apenas uma das possibilidades. De nossa parte, defendemos que a ciência preeminente não tenha por objeto¹⁹ todas as causas primeiras, mas só algumas dentre elas. E por uma via complexa, porém inteligível, a *Metafísica*

¹⁷ Nós não somos, obviamente, os primeiros a propor que a ciência das causas primeiras ou dos princípios constitua um caminho alternativo entre a “ontologia aristotélica” e a “teologia aristotélica”. Já há muitos anos Enrico Berti (secundado por Cristina Rossito) defende esta tese, e, mais recentemente, também Stephen Menn (num livro ainda não publicado, mas cujo extensíssimo “rascunho” encontra-se disponível *online*). No entanto, as nuances são muitas mesmo entre os que defendem esta tese específica; por exemplo, de acordo com Berti a filosofia primeira é ciência **de todas as causas primeiras**, isto é, da primeiríssima causa material, formal, eficiente e final. Já Menn defende, *grosso modo*, que a ciência preeminente é, sim, ciência das causas primeiras, mas não de todas, consistindo, em última análise, no exame das causas primeiras finais (e, de modo derivado, eficientes). De nossa parte, sentimo-nos muito mais próximos da posição sustentada por Menn.

¹⁸ Pensamos, por exemplo, em Enrico Berti e Cristina Rossito.

¹⁹ Cabe aqui uma sutil, porém importantíssima distinção. Dizer que uma ciência não tem por objeto todas as causas primeiras não significa, forçosamente, que no próprio ato de expor/buscar esta ciência o filósofo não trate de outras possíveis causas supremas. Talvez seja este o caso de Z-H: cabe a Aristóteles, enquanto ainda está construindo o edifício da ciência preeminente, investigar quais sejam as verdadeiras causas formais, talvez apenas para concluir que não se possa licitamente falar duma série de causas formais, cada vez mais genéricas, nos moldes acadêmico-platônicos.

revela que um ente (ou um conjunto de entes) particulares possa ser princípio ou causa universal. Eis um breve conspecto do itinerário da ciência suprema na obra.

A ciência preeminente é anunciada em *Met. A*, sendo descrita como σοφία, isto é, ciência das primeiras causas e princípios. Uma das perguntas mais fundamentais que há de se fazer é: **causas de quê**, de que “efeito”? Γ dá um importante passo para responder a questão: causa do “efeito” mais geral que há, o “efeito” absolutamente universal, a saber, o ‘ser’. Do ponto de vista da linguagem, o ‘ser’ ou o ‘ente’ é o termo que tem o maior espectro de aplicação: de tudo se pode dizer que ‘é’, que é um ‘ente’. Esse “efeito” tem, pois, todos os títulos para ser considerado universalíssimo. Contudo, como Aristóteles afirma já em Γ , o ser não é unívoco – τὸ ὄν λέγεται πολλαχῶς. É imperioso, pois, distinguir os sentidos de ser ou ente. E tal distinção é levada a cabo não apenas em Γ , mas também em $\Delta 7$, seção que cumpre a crucial função de distinguir vários sentidos de ‘ser’. Destacam-se duas acepções de ‘ser’: (1) o ‘ser’ entendido como figura das categorias – τὰ σχήματα τῆς κατηγορίας –, dentre as quais sobressai a οὐσία, noção que é detidamente examinada em Z-H; (2) ‘ser’ compreendido como ato e potência, sentido que é esmiuçado, por sua vez, em Θ .

Em Λ , finalmente, somos apresentados ao único ente que pode ser rigorosamente descrito como princípio, isto é, causa primeiríssima, de **toda** a realidade. O primeiro motor imóvel, pura atualidade, do qual provém de certo modo (do modo descrito por Aristóteles em Λ) a atualidade das esferas celestes – atualidade *qua* movimento circular contínuo – é o único princípio que é **primeiro e, simultaneamente, universal**. É claro que ele só pode ser princípio de todas as coisas indiretamente, através duma complicada cadeia causal; mas, na verdade, isso não deveria surpreender, pois se trata duma causa primeiríssima, e não é de se esperar que ela seja causa universal e também imediata de todas as coisas. O caminho pelo qual o motor imóvel é causa primeira de todas as coisas é, em nossa opinião, este: ele é causa do movimento da primeira esfera celeste, e através dela, do movimento de todas as demais esferas, e, portanto, se bem que indiretamente, da ordem presente em toda realidade supra e sublunar.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*, livros IV e VI - Tradução, introdução e notas de Lucas Angioni. *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução n° 14*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2007.

BERTI, Enrico. *Strutura e Significato della Metafisica di Aristotele*. Roma: Edusc, 2006.

_____. *A Metafísica de Aristóteles: “onto-teologia” ou “filosofia primeira”?* In: BERTI, Enrico. *Novos Estudos Aristotélicos II – física, antropologia e metafísica*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 469-498.

FREDE, Michael. The unity of general and special metaphysics: Aristotle’s conceptions of metaphysics. In: FREDE, Michael. *Essays in Ancient Philosophy*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987. p. 81-95.

FREDE, Michael; PATZIG, Günther. *Aristoteles ,Metaphysik Z’: Text, Übersetzung und Kommentar*. München: C.H. Beck, 1988.

GOMEZ NOGALES, Salvador. *Horizonte de la Metafisica Aristotélica*. Madrid: Pax, 1955.

JAEGER, Werner. *Aristoteles – Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1923.

MENN, Stephen. *The Aim and the Argument of Aristotle's Metaphysics*. [s.l.]: [s.n.], [20--]. Disponível em: <<https://www.philosophie.hu-berlin.de/de/lehrbereiche/antike/mitarbeiter/menn/contents>>. Acesso em: 15 out. 2015.

_____. Aristotle’s Theology. In: Shields, Christopher. *The Oxford Handbook of Philosophy*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2012. p. 422-464.

NATORP, Paul. Thema und Disposition der aristotelischen *Metaphysik*. *Philosophische Monatshefte*, Heidelberg, v. 24, p. 37-65, 1888.

OWENS, Joseph. *The Doctrine of Being in the Aristotelian ‘Metaphysics’: A Study in the Greek Background of Medieval Thought*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1978.

PATZIG, Günther. Theologie und Ontologie in der *‘Metaphysik’* des Aristoteles. *Kant-Studien*, Colônia, vol. 52, p. 185-205, 1960/1961.

REALE, Giovanni. *Il concetto di “filosofia prima” e l’unità della metafisica di Aristotele*. Milano: Bompiani, 2008.

ROSS, William David. *Aristotle’s Metaphysics – a revised text with introduction and commentary* by W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1924. 2vls.

RITTER, Joachim.; GRÜNDER, Karlfried. *Historisches Wörterbuch der Philosophie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1984. v. 6.

ROSSITO, Cristina. Metafísica. In: BERTI, Enrico. *Guida ad Aristotele*. Lecce: Laterza, 2012.

WIANS, William. *Aristotle's Philosophical Development – Problems and Prospects*. Londres: Rowman & Littlefield Publishers, 1996.

ZELLER, Eduard. Bericht. *Archiv für Geschichte der Philosophie*, Berlim, v. 1, n. 2, p. 264-271, 1889.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



CECILIO, Guilherme. Contribuições para a questão da Filosofia Primeira na Metafísica de Aristóteles. **Synesis**, v. 7, n. 2, dez. 2015. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis&page=article&op=view&path%5B%5D=948>. Acesso em: 30 Dez. 2015
